

O PAÍS DO FUTURO

HUMBERTO EUSTÁQUIO SOARES MARTINS*
Desembargador do Tribunal de Justiça de Alagoas

Uma das maneiras mais eficientes de medir os prós-e-contras da vida brasileira é comparar nossas estatísticas com as que são registradas nas demais nações, o que, felizmente, vem sendo feito, com alguma frequência, pelos veículos de comunicação, televisões, jornais e revistas. Agindo dessa maneira, é factível passar para a opinião pública a verdadeira realidade dos fatos, reduzindo o que é falso à sua dimensão.

E comparando a realidade brasileira com a das demais nações é possível saber que, em matéria de crescimento econômico, estamos, de 1998 até os dias atuais – ao longo, portanto, de cinco anos – de mal a pior. O Brasil está caindo em relação às maiores economias do mundo. De acordo com levantamento da consultoria Global Invest, o País deverá perder, em 2003, três posições no ranking que dimensiona a soma das riquezas das nações (Produto Interno Bruto, PIB), baixando para a 15ª colocação.

Há cinco anos, em 1998, o Brasil era o oitavo no ranking, mas foi ultrapassado pela Espanha e Canadá (em 1999); pelo México e a Coreia do Sul (em 2002); e dentro de pouco tempo ficará atrás da Holanda, Índia e Austrália.

Espanha, Canadá, Holanda e Austrália são países de Primeiro Mundo. Embora o primeiro deles tenha se isolado demasiadamente entre conjunto de nações européias, durante a ditadura do general Francisco Franco, tomou o rumo do progresso e do desenvolvimento a partir da restauração da monarquia constitucional. É hoje uma nação progressista, que tenta tirar a diferença que a separa de potências mais poderosas economicamente no Velho Continente, tais como França, Itália e

Alemanha. Compreende-se que ultrapasse o Brasil, principalmente em face da superioridade financeira, do dinheiro farto e a baixo custo que está à disposição das suas empresas.

Os mesmos conceitos podem ser desenvolvidos com referência ao Canadá, próspera nação da América do Norte, parceiro privilegiado dos Estados Unidos e entreposto de produtos de toda a Ásia para o Ocidente. É também compreensível que a Holanda, antiga potência colonialista, mercê dos meios financeiros de que dispõe, e do êxito de suas multinacionais, apresente números superiores aos do Brasil.

A Austrália, colonizada pela Inglaterra, é exemplo de país que deu certo. Seria conveniente, de maneira sistemática, aos nossos governantes, saber porque o progresso e o desenvolvimento ocorrem com tanto vigor naquela nação, enquanto custam tão caro a nós brasileiros.

Compreende-se, em parte, que sejamos batidos, no que diz respeito ao PIB, pela Índia, pois com uma população de mais de um bilhão de habitantes, aquela nação tem mesmo é que trabalhar, arduamente, para prover alimentação para tanta gente.

Quanto ao fato de México e Coréia do Sul se aprestarem em nos ultrapassar, em matéria de PIB, é absolutamente injustificável e quase vergonhoso. O México e a Coréia do Sul são países muito menores do que o Brasil, com dimensões mais ou menos equivalentes ao Estado do Piauí. O México tem recursos minerais apreciáveis, mas foi atingido pelas mesmas adversidades que assolaram o Brasil em sua história recente, tais como incompetência e submissão aos organismos internacionais.

A Coréia do Sul foi palco, com sua vizinha, a Coréia do Norte, de uma guerra de grandes proporções, envolvendo suas próprias forças mas também norte-americanos, aliados e a China Continental.

O fato de México e Coréia do Sul galgarem posição econômica superior ao Brasil é vergonhoso. Prova de que algo de muito errado acontece entre nós. Algo que precisa ser corrigido para que não sejamos, eternamente, o país do futuro. Só se edifica o verdadeiro país do futuro com desenvolvimento e oportunidade de trabalho. É o que se espera do Brasil.